
O AMIGO DAS LETRAS.

Dulcique animos novitate tenebo.

Orip. Met: IV.

DOMINGO 18 DE ABRIL DE 1830.

DA LIBERDADE INDIVIDUAL.

A Liberdade individual é o fim de toda a associação humana ; ella é o fundamento da moral assim publica como privada ; n'ella se firmão os calculos da industria : onde ella não existe , não gosão os ómens de paz , de dignidade , nem de felicidade.

A arbitrariedade destrõe a moral ; pois que aonde não ha seguranca não pode haver moral : e quando os objectos de nossos carinhos não tem certeza de encontrar segura protecção no proprio seio da innocencia , atè os sentimentos da alma ainda os mais puros e suaves ficão sufocados. Se a arbitrariedade fulmina os ómens , que se lhe tem tornado suspeitos , não se diga que a sua perseguição se limita a um só individuo ; pois que todo e qualquer acto arbitrario tende immediatamente a offender e a menoscabar a nação inteira. Os ómens trabalham todos elles por desviar de si a dôr ; e sempre que o objecto do seu amor se acha ameaçado , ou elles o abando-

não, ou o defendem. "De repente se corrompem os costumes," diz M. de Paw, "nas cidades acometidas pela peste; os infectados estão por momentos a exhalar o ultimo suspiro, e assim mesmo roubão uns aos outros." A arbitrariedade produz no moral os mesmos effeitos, que produz no physico.

Ella é inimiga declarada dos vinculos domesticos, cuja sancção consiste na esperanza bem fundada, que tem os cidadãos de viverem juntos, e livres no asylo, que a justiça lhes garante. A arbitrariedade opprime o pai, e não permite ao filho defendê-lo; constrange a esposa a soffrer em silencio a detenção de seu marido, os amigos e os parentes a reprimir os suaves movimentos, que a Natureza criou no coração do homem.

A arbitrariedade é inimiga de todas as transacções, que promovem a prosperidade dos povos; ella abala o credito, aniquila o commercio, e ultraja todas as garantias. Quando um individuo padece, sem ainda estar reconhecido o seu crime, todos aquelles, que não são desprovidos de intelligencia, se julgão amealhados, e com razão; porque todas as transacções se resentem da destruição da garantia, a terra treme, e todos marchão com receio.

Quando a arbitrariedade não soffre, nem teme obstaculos, torna-se então tão universal, que o cidadão, ainda o mais desconhecido, de repente a encontra armada contra si. Nada se ganha em fugir-lhe, e em deixalla impunemente fulminar os outros. Milhares de vinculos nos prendem a nossos semelhantes, e por certo que o egoismo mais estudado não é capaz de rompê-los a to-

dos. Julgais-vos invulnerável na vossa voluntaria obscuridade: mas tendes um filho, a mocidade o arrastra; um irmão imprudente não pode conter-se, escapa-lhe um murmúrio; um inimigo inveterado, a quem outrora offendestes, chegou por fim a alcançar certa influencia. E vós que é o que fareis em qualquer d'estes casos? Depois de haver amargamente censurado e tratado de resto as reclamações e as queixas dos outros, ireis por ventura, queixar-vos também? Já de antemão vos condemna a vossa propria consciencia, e assim essa opinião publica corrompida, que vós mesmo tanto contribuístes para envilecer. Então que fareis? Cedereis sem resistencia? Mas, permittir-se-vos-há ceder? Acaso não se fará tudo por desviar para longe, por perseguir um objecto importuno, monumento de uma injustiça? Se tendo visto outros opprimidos, os vistes então culpados, como não quereis agora pizar na estrada, que vós mesmo abristes?

Continuar-se-há.

CRUELDADE DA TYRANNIA PATERNA.

Observão os políticos que não há oppressão mais peizada, nem mais perduravel, do que aquella estabelecida pela perversidade ou exorbitancia da authoridade legal. Aonde quer que appareção o ladrão e o invasor, aquelle deve ser agarrado, e este repellido; é justo que a força puna ou frustre os intentos d'aquelles, que pretendem fazer tudo o que lhes parece por direito da força. Mas, quando o roubo toma o nome de imposto, e

se commette o assassinio por effeito de uma sentença judicial, estremece a coragem, e a razão fica perplexa; a resistencia recusa formar alliança com a rebelião, e o malvado continua a viver livre de perigo, revestido dos habitos da magistratura.

Igualmente perigosas e detestaveis são as crueldades, que muitas vezes se praticão nas familias particulares, sob a veneranda sanção da authoridade paterna; poder este, que nós aprendemos a respeitar desde os primeiros momentos da razão; que se acha defendido de insulto e violação por tudo aquillo que é capaz de imprimir reverencia no coração do ómem; e o qual, por consequencia, pôde commetter muitas crueldades sem o menor receio de responsabilidade, e ultrapassar por uma infinidade de maneiras os sagrados limites, que a Natureza lhe prescreveo, primeiro que o dever e a piedade filial se resolvão a pedir socorro, ou se julgüem authorisados a recorrer a outros quaes quer meios de evitar a oppressão que não sejam supplicas, as quaes então já não servem senão para tornar ainda mais soberba e insupportavel a insolencia, ou lagrimas, que o mais que fazem é saciar a crueldade.

Por muito tempo pensárão os Romanos, que nunca poderia um filho constituir-se matador de seu pai; e por isso, não estabelecerão pena alguma para o parricidio. Tambem, na mesma boa fé, julgárão que um pai não podia usar de crueldade para com seu filho: eis o motivo porque elles a principio concedêrão a todo o cidadão o direito illimitado de administrar a justiça em sua caza, e deixárão á sua disposição a vida de seus filhos. Porém, a experiencia gradualmente lhes foi mostrando

que com demasiada precipitação havião formado tão boa opinião da natureza humana: conhecêção que o instinto, e o habito não podem resistir á avareza nem á malicia; que o parente ainda o mais proximo corre risco de ser violado nos mais sagrados de seus direitos; e que o poder, a quem quer que seja confiado, não deixa de estar sujeito a muitos abusos. Virão-se elles, portanto, obrigados a melhorar e a reformar as suas instituições; a reprimir o parricidio por meio de uma nova lei, e a transferir a pena capital para o juizo dos magistrados, subtrahindo-a á authoridade paterna.

E na verdade, muitas casas há, nas quaes se não pode entrar familiarmente, sem logo descobrir que os pais de todo vivem entregues á embriaguez do dominio; e que as mais das vezes aquelle, que não ouve outras admoestações que não sejam as da sua propria consciencia, não leva muito tempo a aprender a arte de suffocar o grito da razão, e de amoldar a justiça aos seus caprichos.

Se podesse dar-se um estado, em que o coração fosse se inacessivel á malignidade, animar-nos-hiamos a suppô-lo bem defendido pela amizade paterna. O author voluntario da existencia de um ente necessariamente contrahê a obrigação de empregar todos os esforços por tornar-lhe essa existencia a mais feliz possível. A vista de uma criança, ainda na tenra infancia, que fraca e innocente estende os braços, geme e chora, em signal de dependencia; em quem se não descobre meios alguns de poder excitar inveja, nem culpas que d'ella desviem o affecto de seus semelhantes; este espectaculo, digo, por força que hade despertar a ternura em todo o peito sensível; e a ternura, uma vez excitada, hade de hora em hora aug-

mentar por effeito do contagio tão natural da felicidade, pela repercussão do prazer communicado, e pela intima convicção da dignidade da beneficencia. A mim me parece que todo o homem generoso e bemfazejoso sente inclinado a usar de mais brandura para com o triste animal, que mostra querer divertillo com seus pullos e brincos, que se humilha perante a sua colera, mesmo acto de soffrer. He os duros effeitos, que na necessidade reclama os seus socorros, e no perigo busca a sua protecção, do que para com os bravios e indomitos habitantes do ar e da agoa. Naturalmente se nos tornão caros aquelles, a quem communicamos alguma especie de prazer, por isso que nos julgamos seguros do seu affecto e da sua estima, em retribuição dos beneficios por elles recebidos.

O orgulho da superioridade tambem pode ser saciada por outro modo. Aquelle, que tendo perdido todos os sentimentos de humanidade, já não acha prazer em reflectir que é amado como distribuidor da felicidade, por certo que fica satisfeito com a lembrança de que tem na sua mão excitar o terror, sempre que lhe aprouver impôr qualquer pena: a solidão torna-se-lhe por extremo agradável quando contempla a extensão do seu poder, e a violencia das suas ordens; quando recorre na imaginação os desejos, que seus subordinados sentem sem se atreverem a manifestallos, e o desgosto em que todos vivem, e que por medo se vêm obrigados a occultar-lhe: diverte-se em armar laços para descobrir sonhadas traições, em multiplicar prohibições, em inventar novos castigos; finalmente, elle exulta de alegria quando considera a pequena parte, que tem a vontade nas homenagens, que a cada instante recebe.

Que muitos príncipes tem havido com este carácter, nós o sabemos pela história de todos os reinos absolutos; e como, segundo observa Aristoteles, o governo de família é de sua natureza monarchico, assim também este governo, á semelhança das monarchias absolutas, é quasi sempre arbitrariamente administrado. O tyranno coroado differe do tyranno paterno tão sómente na extensão de seus dominios, e no numero de seus escravos. As mesmas paixões causão as mesmas misérias; com esta unica excepção, que um príncipe, por muito despotico que seja, raras vezes chega a desprezar a opinião publica a ponto de se atrever a commetter as enormes injustiças, que em segredo se praticão n'uma casa particular. Preceitos caprichosos, decisões parciaes, premios desiguaes distribuidos pelo amor proprio em menoscabo do merecimento, castigos impostos não em proporção da offensa, mas á vontade do juiz: são arbitrariedades estas que, por assim o dizer, quasi todos os dias se commettem no seio das familias, onde a authoridade paterna é a unica conhecida.

O'mem nem um quererá confessar que a miséria do outro lhe causa prazer: mas, haverá outro motivo, que induza um pai a ser cruel? O rei pode ser instigado por um valido invejoso a perseguir um cidadão benemerito; pode acontecer que elle venha a temer-se das virtudes de um subdito, de um general hábil e favorecido pela fortuna, ou de um orador, que tenha sabido ganhar a aura popular; pode a avareza provocal-o a decretar sequestros, como o mais seguro meio de accumular seus thesouros; em fim, podem seus muitos crimes persuadillo que não conseguirá viver livre de perigo, em quanto não frustrar de uma vez todos os recursos da vingança.

Mas, que vantagens são as que um pai tira, opprimindo aquelles, que nascêrão sob a sua immediata protecção, que não tem capacidade para competir com elle, e que não podem enriquecêllo com despejos? A causa da crueldade dos cobardes não custa muito a descobrir; mas, que motivo pôde haver, menos infame do que a cobardia, para um ômem sentir prazer, opprimindo aquelles de quem nada tem que temer?

A severidade mal fundada de um pai mais odiosa se torna, quando consideramos que elle é testemunha occular de todas quantas acções praticão aquelles, a quem maltrata. A injustiça de um principe recae muitas vezes em pessoas, com quem elle nunca teve relações algumas de amizade; e a sentença, quer ella seja de prisão, desterro, ou de morte, affasta da sua vista o triste condemnado. Mas, o oppressor domestico não pode deixar de contemplar os semblantes sombrios d'aquelles, a quem está continuamente infundindo terror, e causando afflicção; a cada momento tem elle de presenciar os effeitos da sua barbaridade. Aquelle, que tem animo para mortificar os entes, que o cercão, e pode viver com satisfação no seio da tristeza, que a sua presença lhes causa; aquelle, que pôde sem dó contemplar a desgraça humilde e prostrada, e que não se enternece quando se lhe pede justiça, ou se implora a sua compaixão, já mais dará ouvidos a conselhos, ou admoestações; e como hade elle ser susceptivel de emenda, não dando seu peito mais entrada á ternura, e estando disposto seu coração a repellir todos os esforços da razão!

Ainda quando se não devesse tributar respeito algum ás sagradas leis da sociedade, que a cada individuo

impõem o preceito de não ir de encontro á felicidade dos outros, não teria por certo um mau pai tanto direito a ser protegido como outro criminoso qualquer, por ser justamente aquelle, que menos cuida na sua felicidade. Por pouco amor, que se tenha aos outros, todo o ómem ambiciona ser amado; todo o ómem esperar uma vida dilatada, e por isso conta, para quando já velho, fraco, e doente, estiver dependente de socorro alheio a fim de passar em descanso o resto de seus dias, com os bons officios dos outros. Mas como se dirá que trabalhou por se precaver contra os encommodos inseparaveis da velhice aquelle, que tendo maltratado e negado os braços a seus filhos; na hora extrema, na hora da tristeza, da impaciencia, e da dôr, não vê em volta do seu leito senão estranhos, a quem a sua vida é muito indifferente, ou inimigos, que só suspirão pela sua morte?

E' bem certo que os ómens, dotados de boa indole, e de sentimentos nobres, em quem sempre conserva todo o seu imperio a piedade filial, farão os maiores esforços por apagar a lembrança das injurias recebidas, e levarão a generosidade ao ponto de prestar aos authores de seus dias os derradeiros socorros com todo o zelo e esmero. Mas tambem é verdade que o justo resentimento das victimas da brutalidade de um mau pai não é capaz de lhe causar tanto pezar, como este carinho não merecido, com que o tratão, e o maior e mais cruel castigo, que pôde experimentar um ómem, que de todo não fôr estúpido e ainda conservar alguns estímulos de honra, é o vêr-se reduzido, nos ultimos annos de uma vida cansada e já quazi extincta, a encontrar a cada instante uma severa reprehensão na bondade de seus filhos, a receber o seu sustento como esmola, e não como um tributo, a que

tenha direito, e a dever todos os auxílios que lhe são ministrados em suas enfermidades, não ao reconhecimento, mas a compaixão.

Samuel Johnson.

OS MORTOS NO EGYPTO.

Antes de chegar ao lugar da sepultura, era permitido passar, uma lagôa: alli, nas margens d'aquella lagôa ficava embargado o cadaver do fallecido. "Oh! Tu, quem quer que és; dá conta á patria de todas as tuas acções! Que fizeste tu durante a vida! Quem te interroga é a lei; quem te escuta é a patria, a verdade, é quem te julga!," Então comparecia elle sem titulos, e sem poder, escoltado unicamente por suas virtudes, ou por seus vícios. Alli se fazia uma severa enumeração de todos os crimes, ainda mesmo d'aquelles, que o credito ou o poderio do fallecido sombêra, durante a vida, roubar á publicidade. A impécencia diffamada alli vinha apresentar suas queixas contra o calumniador, e revindicar a honra, que lhe fôra extorquida. O cidadão condemnado de haver offendido a observancia das leis era condemnado á pena de eterna infamia: um elogio publico constituia a nobre recompensa do cidadão virtuoso, e a honra de pronunciallo pertencia exclusivamente a seus parentes. Reunia-se a familia toda, e dos louvores tributados ao pai vinhão os filhos colher lições de virtude. Em volta do cadaver ajuntava-se uma multidão immanea, a que presidia o magistrado. Passava, então, o orador a tecer o elogio do homem justo, e

honrar suas cinzas; trazia a memoria de seus concidadãos os lugares, os momentos, e os dias, em que elle praticara acções virtuosas; rendia-lhe graças pelos serviços, por elle prestados á patria, e aos ómens; apresentava o seu exemplo, como digno de ser imitado por aquelles, que ainda tinham de continuar e concluir a carreira da vida; e, acabava, invocando a seu favor o terrivel Deos dos mortos; a quem supplicava, que houvesse de protegêllo lá n'aquelle mundo escuro e desconhecido, em que estava por momentos a entrar. Em fim, chegava o instante de depositar o cadaver na sepultura, e então dizião-lhe todos um longo e eterno adeos! Esta cerimonia por certo que havia de fazer muita impressao n'uma nação austera e circumspecta, suscitando-lhe idéas sublimes de religião e de moral.

Na verdade, não se póde duvidar que estes elogios, concedidos só á virtude e ao merecimento, havião necessariamente de infundir nos circunstantes um forte desejo de alcançar tão gloriosa recompensa. A sua instituição tem muita semelhança com aquella das nossas orações fúnebres; havendo todavia entre ambas uma differença bem notavel, pois que os Egyptios consagravão louvores á virtude, e não á dignidade. O lavrador e o artista tinham a par do soberano igual direito áquelles elogios. Ainda então não era esta uma vã cerimonia, como a de nossos dias, em que um orador, a quem ninguém dá credito algum por isso que se apresenta a celebrar virtudes, que elle mesmo está bem longe de suppôr na pessoa, que faz o objecto do seu discurso, procura por um instante fingir-se admirador d'aquelle, que por ventura incorreo no seu despezo e no do publico; e amontoando, com harmonia, mentiras mercenarias, prodigalisa incenso aos mortos,

a fim de também ser elogiado, ou recompensado pelos vivos. N'aquelle tempo não se celebrava a humanidade do general, que houvesse commettido crueldades, nem o desinteresse do magistrado, que tivesse vendido as leis: ainda então era respeitada a verdade, e a sinceridade. Os proprios príncipes não estavam isentos de comparecer perante aquelle angusto tribunal; e allí, se recebião louvores, erão só os devidos ao merito. E' justo que o tumulo forme uma barreira inexpugnável entre a aulção e o príncipe, e mal que expire o poder appareça logo a verdade. A historia nos refere que alguns reis do Egypto, esses, que opprimirão os povos, obrigando-os a edificar pyramidas de uma altura espantosa, fôrão infamados pela lei, e até privados dos tumulos, que elles mesmos haviam mandado construir para si.

Há tres mil annos, que deixou de subsistir este costume, e hoje em paiz nem um do mundo se nomêão magistrados para processar a memoria dos reis; mas, a Fama preenche as vezes d'aquelle tribunal, e é em si muito mais terrivel, por isso que não está ao alcance da corrupção: ella dicta a sentença, a posteridade a escuta, e a historia a escreve.

Mr. Thomas.

MAXIMA.

O amor, que não é mais do que um episodio na vida dos ómens, forma a historia inteira da vida das mulheres.

M.^{me} De Stael.

S. PAULO: NA TYPOGRAPHIA DO FAROL PAULISTANO.